

Érica Cristina Vieira Gonçalves

**A orientação profissional enquanto promotora de saúde mental na adolescência: um
relato de experiência**

Uberlândia

2019

Érica Cristina Vieira Gonçalves

**A orientação profissional enquanto promotora de saúde mental na adolescência:
um relato de experiência.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Reis

Uberlândia

2019

Érica Cristina Vieira Gonçalves

**A orientação profissional enquanto promotora de saúde mental na adolescência:
um relato de experiência.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Reis

Banca Examinadora

Uberlândia, 05 de julho de 2019

Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Reis
Universidade Federal de Uberlândia

Prof^a Dr^a Camila Turati Pessoa
Universidade Federal de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Cláudia Silva de Souza
Universidade Federal de Uberlândia/ESEBA

Uberlândia

2019

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Virgem Maria que, na construção deste trabalho, foram meu sustento e muito me instruíram e inspiraram, para que este fosse concretizado com grande dedicação.

A minha família, pelas palavras e ações de carinho que foram meu alicerce neste processo.

Ao Gabriel Felipe, por tamanha paciência, carinho e companheirismo, que tanto me incentivaram.

À Bruna Caixeta, pela amizade e parceria que foram fundamentais em todos os momentos.

À Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Reis, por todo apoio, paciência e comprometimento na orientação deste trabalho e por tanto contribuir com meu crescimento.

À Prof^ª Dr^ª Cláudia Silva de Souza, por aceitar ser membro da banca deste trabalho, por todos os ensinamentos e pelo acolhimento que se tornaram essenciais.

À Prof^ª Dr^ª Camila Turati Pessoa, por aceitar ser membro da banca deste trabalho, contribuindo significativamente com o mesmo.

Aos colegas Marissa Oliveira, Áurea Zago e Rafael Menegatto, pelas contribuições tão valiosas para este trabalho e para meu aprendizado.

À Giovana Santos, que com tanto carinho e delicadeza, colaborou grandemente com esta construção.

Aos amigos que, de diversos modos, me incentivaram na conclusão desta etapa.

RESUMO

A adolescência corresponde a um momento de diversas descobertas e, até mesmo, de possíveis conflitos vivenciados pelo sujeito, quando este se encontra em um processo de escolha por uma área de atuação profissional futura. Diante disso, a orientação profissional tem se destacado dentro da Psicologia. Nesse sentido, o presente trabalho visa apresentar a orientação profissional enquanto área de atuação promotora de saúde mental na adolescência, a partir de um relato de experiência em um estágio profissionalizante, à luz da perspectiva histórico-cultural. Esse relato corresponde aos atendimentos com o grupo de orientação profissional, realizado no Centro de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (CENPSI), no primeiro semestre de 2018 e contou com a participação de quatro adolescentes. Os atendimentos ocorreram no formato de oficinas expressivas, durante doze encontros, sendo um por semana, com duração de aproximadamente 1h30min. As temáticas trabalhadas nas oficinas foram: autoconhecimento, escolhas, informações sobre cursos de graduação e técnicos, mundo do trabalho e processos seletivos, relacionadas às questões que o grupo demandava. Observou-se o quanto a orientação profissional se fez importante ao possibilitar que os adolescentes adquirissem maior consciência de sua realidade e dos fatores determinantes no seu processo de escolha; desse modo, buscou-se fortalecê-los para melhor lidarem com tal realidade. Ademais, o trabalho, realizado em grupo, revelou grande riqueza ao promover diversas trocas de experiências, sentimentos e ideias entre os adolescentes que muito puderam auxiliar no processo uns dos outros. Por fim, o espaço proporcionado pela orientação profissional foi destacado pelos adolescentes como um lugar acolhedor, promotor de respeito e bem-estar.

Palavras-chave: Orientação profissional; adolescência; saúde mental; perspectiva histórico-cultural.

ABSTRACT

Adolescence corresponds to a life phase of several discoveries, and even of possible internal conflicts experienced by the subject, when he is in a process of choice for an area of knowledge; for these reasons, the professional orientation has excelled in Psychology. In this sense, the present work aims to present a professional orientation as an area of promotion of mental health in adolescence, based on a report of experience in a vocational internship, in the light of the historical-cultural perspective. This report corresponds to the attendances with the professional orientation group, at Psychology Center of the Federal University of Uberlândia (CENPSI) in the first semester of 2018, of which four adolescents participated. The attendances occurred as expressive workshops, during twelve meetings, being one per week, lasting approximately 1h30min. The topics in the workshops were: self-knowledge, choices, informations about undergraduate and technical courses, world of work and selective processes, all related to the demand of the group. It was observed how important the professional orientation was to the adolescents become more aware of their reality and determining factors in their choice process; in this way, it was sought to strengthen them to deal better with reality. In addition, this work group promoted several exchanges of experiences, feelings and ideas among the adolescents who could help in each other's process. Finally, the space provided by the professional orientation was described by the adolescents as a welcoming place, promoting respect and well-being.

Keywords: Professional orientation; adolescence; mental health; perspective historical-cultural.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	8
2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 De que adolescência falamos	11
2.2 O processo de escolha e a orientação profissional	15
2.3 Orientação profissional e saúde mental	19
3 O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	22
3.1 Conhecendo o grupo e criando vínculos	23
3.2 Aproximando os adolescentes do mundo universitário	25
3.3 Trabalhando com os sentimentos frente aos processos seletivos	27
3.4 Espaço de paz e leveza: um olhar dos adolescentes	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5 REFERÊNCIAS	33

1- APRESENTAÇÃO

A adolescência corresponde ao momento em que o sujeito se encontra em meio a diversas descobertas, além de estar em busca pela construção de sua própria identidade e conhecimento de si mesmo. É neste momento também que se vê a necessidade da escolha por uma área de atuação profissional, o que para a maioria dos adolescentes é desafiador, devido a pouca consciência quanto às diversas influências sobre tal escolha e ao insuficiente contato com informações pertinentes ao processo (Lucchiari, 1993).

Frente a esse fato, a orientação profissional tem adquirido grande relevância, visto o crescente número de adolescentes que têm se interessado em ingressar no Ensino Superior, e ainda em vista a grande gama de cursos ofertados. Além disso, conta-se também com as políticas públicas de ações afirmativas criadas para possibilitar o ingresso de estudantes de escolas públicas e estudantes autodeclarados pretos, pardos ou indígenas. Diante disso, a escolha por uma área de atuação profissional tem se tornado grande fator de sofrimento psíquico para muitos adolescentes, uma vez que é necessário lidar com diversos aspectos que permeiam essa tomada de decisão, os quais podem ser de ordem pessoal e/ou social. Tendo em vista a realidade que envolve o que fazer após a conclusão do Ensino Médio por parte dos adolescentes, o papel do orientador profissional, enquanto promotor da saúde mental tem se tornado cada vez mais necessário.

A partir dessa visão, o presente trabalho visa apresentar a orientação profissional enquanto área de atuação promotora de saúde mental na adolescência, a partir de um relato de experiência em um estágio profissionalizante do curso de Psicologia. Para isso, buscou-se: a) Definir a adolescência na contemporaneidade, o processo de escolha da profissão e a saúde mental; b) Discutir a maneira pela qual o adolescente lida com o processo de escolha da profissão; c) Apresentar a relação entre o processo de escolha da profissão e a promoção de

saúde mental na adolescência; d) Refletir de que maneira o trabalho de orientação profissional pode promover a saúde mental do adolescente.

A experiência apresentada neste trabalho contou com práticas realizadas a fim de auxiliarem adolescentes no processo de escolha de uma área de conhecimento para atuação profissional, valorizando a saúde mental desses sujeitos. Trata-se de um relato de experiência de Estágio Profissionalizante em Psicologia Escolar, que ocorreu no Centro de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, por meio de encontros reflexivos em grupo.

O Estágio Profissionalizante, do qual se trata este trabalho, proporcionou aos adolescentes, maior aproximação da atuação de um orientador profissional, o que, sem dúvida, promoveu grande crescimento pessoal e profissional dos estagiários que realizaram os grupos. Buscou-se compreender um público considerado estigmatizado (adolescência) na contemporaneidade e contribuir com práticas que valorizassem sua saúde mental, principalmente diante dos conflitos referentes à escolha de uma profissão. Foi um trabalho desafiador, animador e gratificante.

As estratégias e atividades utilizadas nessa experiência podem ser de grande relevância para outros profissionais que também atuam nessa área, ao considerar a possibilidade de ser um meio de incentivá-los a priorizarem a promoção da saúde mental do adolescente, em sua atuação. Além disso, a partir da pesquisa por produções científicas com temáticas voltadas para a orientação profissional e suas contribuições com a saúde mental na adolescência, notou-se que as referências quanto a esse assunto são bastante escassas. Logo, este trabalho acarreta também importante relevância científica, uma vez que em meio às escassas discussões sobre a temática da orientação profissional e saúde mental na adolescência, pode ser considerado como um convite a outras pesquisas nessa temática.

O presente trabalho conta com três capítulos teóricos referentes: ao conceito de adolescência e sua construção do decorrer da história; às relações entre a adolescência e o processo de escolha por uma área de atuação, além da importância da orientação profissional nesse contexto; e, por fim, com relação à forma como a orientação profissional pode se tornar uma atuação promotora de saúde mental na adolescência.

Após a contextualização teórica é apresentado o relato do trabalho de orientação profissional com um grupo de adolescentes, composto pelas vivências promovidas pelo Estágio Profissionalizante em Psicologia, à luz da teoria histórico-cultural. Ao final, são apresentadas as considerações finais e as referências.

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

2.1- De que adolescência falamos

O conceito de adolescência (que vem do latim *adolescere*, que significa crescer) acarretou diversos olhares no decorrer da história. Até mesmo no século XVIII a adolescência era confundida com a infância; ela começou a ser compreendida como um estágio do desenvolvimento autônomo, separado dos demais, ao término da Primeira Guerra Mundial (Ribeiro & Abeche, 2013). Segundo Senna e Dessen (2012), a partir do século XX, a ideia de adolescência se tornou um assunto de grande interesse para a Psicologia. Os estudos referentes a essa fase do desenvolvimento da vida humana foram iniciados por G. Stanley Hall, que a destacou como um momento universal e inevitável. Além disso, tal precursor valorizava as características individuais do ser, como a plasticidade e a maleabilidade, juntamente com as influências culturais pelas quais ele é afetado (Arnett, 1999, citado por Senna & Dessen, 2012).

Embora o conceito de adolescência tenha se originado no início do século XX, a caracterização do adolescente como “problema” permeia a história da civilização ocidental há muito tempo. A visão do mundo adulto, considerada dominante, caracterizava a adolescência como um período no qual o ser se encontrava em desenvolvimento e em conflitos. Tais conflitos conferiam, principalmente, em mudanças corporais, se estendendo a outras crises, sendo as dificuldades nos relacionamentos familiares as mais frequentes. Por fim, considerou-se que o adolescente atingia a maturidade ou a fase adulta quando fosse capaz de se inserir na sociedade, demonstrando boa adaptação, ou seja, se comportando da maneira que a sociedade esperava (Becker, 1985).

Por outro lado, Vygotsky (1996, citado por Nascimento & Menezes, 2013), teórico da psicologia histórico-cultural, teoria defendida por este trabalho, denominou a adolescência como uma idade de transição. Momento marcado por acontecimentos de grande importância:

a maturação sexual, o surgimento de novos interesses e o desenvolvimento ampliado da memória, atenção e percepção, consideradas funções psíquicas superiores. Conforme defendia o autor supracitado, na adolescência, o indivíduo é capaz de produzir diferentes sentidos e elaborar outros significados diante da sua história e da sociedade, por meio da mediação da linguagem e da cultura (Nascimento & Menezes, 2013). Ademais, Vygotsky (1996, citado por Anjos, 2011), ressaltou que o adolescente é, antes de tudo, um ser histórico e social; dessa forma, criticou os frequentes erros, cometidos por diversos teóricos, ao considerá-lo, prioritariamente, como um ser biológico e natural. Diante disso, torna-se um equívoco, segundo o olhar da psicologia histórico-cultural, considerar a adolescência como um processo unicamente marcado por mudanças biológicas ou ocasionado por questões hormonais, o que estaria relacionado à puberdade (Anjos, 2011).

Shoen-Ferreira e Aznar-Farias (2010) buscaram estabelecer uma diferenciação entre a adolescência e a puberdade, destacando que o surgimento daquela está ligado à ocorrência desta. A puberdade é apresentada como referente à maturação biológica, enquanto a adolescência é a fase que abrange os aspectos psicossociais, envolvendo a adaptação às mudanças físicas, sociais e psicológicas, às quais o indivíduo está exposto. Logo, cabe destacar que embora a maioria das pessoas passem pela adolescência segundo diversos teóricos, há muitas maneiras de vivenciar essa fase do desenvolvimento, uma vez que é afetada diretamente pelas questões históricas e culturais que permeiam a vida do indivíduo.

Em consonância à ideia de que a compreensão da adolescência está muito além das questões biológicas e naturais, tendo em vista a importância do contexto, o Ministério da Saúde (2010) utilizou o termo “adolescências e juventudes”, no plural, frente à “grande diversidade de experiências, condições de vida e características sociais, raciais, étnicas, religiosas, culturais, de gênero e de orientação sexual que compõem o universo desses segmentos populacionais” (Ministério da Saúde, 2010, p. 46). Destacou ainda, que diante da

grande extensão histórica, social e cultural do Brasil, considerar o contexto nos quais se inserem os adolescentes e jovens é mais que preciso, visando possíveis compreensões quanto a esse público.

Ainda, seguindo esse debate, Becker (1985) acrescentou que a adolescência caracterizada como um fenômeno universal é algo muito duvidoso, visto que não existe apenas uma adolescência, mas sim várias. Ao mesmo tempo em que muitos adolescentes vivenciam esse estágio enfrentando diversas tensões, outros o encaram com mais tranquilidade, vivenciando com mais propriedade os possíveis conflitos. Quanto àqueles que se deparam com as intensas crises, a dificuldade se configura principalmente na lida com inúmeras contradições, como as exigências de decisões que ainda não são capazes de fazer ou até o impedimento de liberdades ou direitos que tanto desejam.

Essa discussão voltada para a universalidade ou não da adolescência atraiu a atenção de diversos estudiosos; estes passaram a defender a ideia de que a adolescência se configura em uma construção social. Desse modo, buscou-se compreender esse momento de transição com um novo olhar, desconstruindo as principais características a ele atribuídas, ou seja, a adolescência não deve ser vista, precisamente, como um período turbulento do desenvolvimento, e os aspectos psicossociais dos adolescentes não devem ser considerados universais (Shoen-Ferreira & Aznar-Farias, 2010).

Faz-se importante então, a consideração do contexto (histórico, social e cultural), para compreender o fenômeno da adolescência. Erikson (1976, citado por Ribeiro et al., 2016) definiu essa fase do desenvolvimento humano como um momento de transição entre a infância e a fase adulta, no qual o indivíduo é livre para experimentar diversos papéis, até que ele seja capaz de se definir. Esses papéis serão reproduzidos pelo indivíduo, a partir das relações sociais que ele estabelece, ou seja, a partir das referências que ele adquire no contexto em que está inserido. Por esse motivo, a adolescência também corresponde a uma

chamada crise normativa, pois o adolescente se encontra em conflito quanto à construção da sua identidade, devido à necessidade da escolha dessas referências sociais.

A partir daí, torna-se claro que em meio a importância de considerar as relações estabelecidas em determinado contexto, nota-se a influência da família durante a adolescência. Os pais exercem papel fundamental na vida do filho adolescente, que ao ver-se diante da possibilidade de diversas oscilações que marcam essa etapa, busca sempre a continuidade dos cuidados parentais. Dessa forma, ao se encontrar em um processo de separação-indivuação, o adolescente necessita desses cuidados provenientes das interações familiares de qualidade, que são capazes de contribuir para a aquisição de sua autonomia de forma mais facilitada (Mota & Rocha, 2012).

No entanto, frente a essa realidade, Ribeiro et al. (2016) ressaltou que na atualidade as referências oferecidas pelos adultos aos adolescentes têm se mostrado bastante confusas, ambíguas e até mesmo contraditórias. Isso promove grande dificuldade ao adolescente para compreender o que é esperado dele, por seus pais. Essa contradição e ambiguidade estão presentes quando as figuras parentais dão grande liberdade aos filhos, muitas vezes deixando-os à deriva, ao mesmo tempo em que há uma extrema cobrança para que sejam seguidas as normas sociais estabelecidas, sendo o sucesso profissional um exemplo para essa questão (Birman, 2006, citado por Ribeiro et al. 2016).

Além de ser um momento fortemente marcado pela necessidade de referências parentais, a adolescência também é caracterizada por questões psicossociais que envolvem suas inseguranças e medos nas interações estabelecidas com o mundo. Tais dificuldades envolvem também a necessidade de se realizarem decisões de grande relevância, como a escolha por uma área de conhecimento e atuação profissional. O processo de escolha em uma fase de transição do desenvolvimento faz-se desafiador, visto que o indivíduo está em busca de um reconhecimento de sua identidade, frente a uma mistura de sentimentos que abrangem

a surpresa e a urgência (Soares, 2002). Por esse ângulo, Tessaro e Schmidt (2017) alegaram que essa necessidade de lidar com escolhas que implicam, muitas vezes, em perdas e cobranças, contribui para que a adolescência se torne um momento mais suscetível ao estresse.

Tendo em vista as diversas situações conflituosas que podem ser vivenciadas na adolescência, principalmente quanto ao processo de escolha de uma área de atuação profissional, o capítulo seguinte visa discutir esse assunto, bem como o papel da orientação profissional nesse contexto. De que maneiras o adolescente lida com o processo de escolha da futura profissão? Como a orientação profissional pode contribuir com essa decisão?

2.2- O processo de escolha e a orientação profissional

A adolescência corresponde a um momento em que escolhas precisam ser realizadas, em meio aos possíveis conflitos que surgem com os questionamentos e busca pela identidade presentes nessa fase. O adolescente se encontra em um momento, em que aspectos referentes à vida adulta como a sexualidade, relações afetivas e escolha da profissão, começam a ser definidos (Soares 2002). Tratando-se da escolha da profissão, Bock (2013) apresentou uma análise histórica do desenvolvimento da sociedade, compreendendo a escolha profissional como uma possibilidade a partir da instauração do modo de produção capitalista, momento que promove intensas mudanças na maneira de pensar a existência humana.

Segundo o autor supracitado, anteriormente ao advento do capitalismo, mais especificamente no modo de produção feudal, perdurava na sociedade a ideia de vocação, pautada em crenças religiosas. Acreditava-se que o ser humano nascia com atributos específicos para determinada profissão; desse modo, se o indivíduo não obtivesse sucesso quanto à escolha profissional, compreendia-se que ele não havia identificado a sua própria vocação. Por esse ângulo, Gonzaga, Macedo e Lipp (2014) apresentaram o conceito de

vocação como uma ideia mais voltada para “o ser” do que para “o fazer”, ou seja, ela corresponde à capacidade do ser humano de ouvir e compreender as verdades e valores do seu próprio interior. Para haver a possibilidade de reconhecer o próprio chamado, faz-se necessário escutar a voz que surge do íntimo de si mesmo; sendo a vocação, portanto, algo inato ao ser humano.

Por outro lado, Soares (1988) defendeu a vocação como algo fundamental para a escolha profissional, desde que ela seja compreendida como a realização de um interesse, aliado à potencialidade que o indivíduo apresenta. Nesse caso, destacou-se que tal concepção se refere à habilidade e capacidade para realizar determinada tarefa, enquanto a ação de colocar o interesse em prática se torna necessária para que se compreenda o próprio desejo pelo mesmo. Desse modo, a vocação não corresponde simplesmente a um fenômeno inato ao ser, mas sim a algo que é construído a partir das suas experiências de vida.

Uma vez que a construção da identidade do indivíduo é resultado da sua própria história e vivências, ressaltam-se, então, que as profissões pensadas pelo mesmo ocorrem a partir de imagens construídas por meio das interações estabelecidas socialmente: pelas pessoas e até mesmo leituras, mídias, entre outros (Tardeli, 2008). Desse modo, Bohoslavsky (1977) afirmou que as escolhas são sempre influenciadas por outros indivíduos, contrariando, então, a concepção do sujeito como um ser puramente naturalizante. Logo, pensar na construção da identidade do sujeito é pensar em sua dimensão histórica, uma vez que ela é construída a partir de tudo aquilo que o ser humano vive, vivências essas que contribuem também para o alcance da sua identidade ocupacional.

Almeida e Pinho (2008) apresentaram uma discussão entre diferentes autores acerca da construção da identidade ocupacional do sujeito, que estaria ligada à sua identidade pessoal. Os diversos papéis profissionais, com os quais o indivíduo estabelece contato no decorrer da sua história, contribuem para a construção dessa identidade ocupacional; recebem

destaque as profissões ocupadas pelas figuras mais significativas, como os próprios pais e familiares e até mesmo os professores (Lisboa, 1997, citado por Almeida & Pinho, 2008). Dentro dessa discussão, Almeida e Pinho (2008) ressaltaram ainda que, embora a identidade ocupacional seja vista como um aspecto da identidade pessoal, elas correspondem a importantes processos, que caminham juntos durante a adolescência.

Ressalta-se o quanto o processo de escolha profissional está permeado por influências de diversos âmbitos e, dentre elas, as influências familiares geralmente são as mais frequentes. É comum que os pais e familiares criem expectativas com relação ao futuro profissional do jovem, este, em muitas vezes, se encontra em conflito quanto às divergências entre o desejo da família e os seus desejos próprios. Nesse sentido, o adolescente pode ser levado a escolher uma profissão e estilo de vida que difere daquilo que ele realmente espera para si, o que pode ser resultado (inconsciente, em grande parte) da importância dada ao sentimento de ser amado pela família. Fazem-se frequentes também, situações de filhos que são levados a realizarem escolhas de forma a compensar àquelas que os pais não tiveram a possibilidade de fazer (Soares, 2002).

Em consonância a essa ideia, Nepomuceno e Witter (2010) alegaram que em diversos contextos familiares torna-se comum que o adolescente que se encontra no processo de escolha da profissão, seja depósito de diversas expectativas, aliadas a fantasias inconscientes por parte dos pais. Esse fenômeno resulta da necessidade que emerge entre os familiares de repararem as próprias escolhas e lidarem com conflitos que não foram superados até então.

Diante disso, assumindo um posicionamento filosófico e ético, aliado a uma concepção liberal do homem, Lucchiari (1993) alegou que a escolha por uma profissão é exclusiva ao adolescente e ninguém deveria interferir. No entanto, a autora complementa que essa liberdade está restrita a determinadas situações, configurando-se então, em limite, ou seja, a escolha corresponde a uma decisão realizada frente a diversas opções e dentro de

situações concretas e limitadas. Por esse ângulo, Bock (2008), ao considerar os diversos fatores que determinam o processo de escolha profissional, afirmou que o sujeito é sim capaz de realizar as suas escolhas pessoais, momento esse que corresponde a uma construção de sentidos. No entanto, tal construção não contempla somente a existência singular do sujeito, mas também as significações, relacionamentos e produções sociais decorrentes de suas experiências de vida.

Nesse sentido, Bock (2008) ainda afirmou que

A vida social, na qual estão os determinantes importantes das escolhas profissionais, como a ideologia dominante, as formas de trabalho, o funcionamento do mercado, o papel da educação, os valores, os grupos de pertencimento, não é algo externo ao indivíduo. Ao construir sentidos subjetivos sobre a escolha ou sobre o futuro profissional, o sujeito estará também, e ao mesmo tempo, internalizando a vida social e contribuindo para a construção da subjetividade, que é coletiva. Sujeito e sociedade são âmbitos de um mesmo processo. O sujeito escolhe e, para compreender o seu processo de escolha, é preciso estudar seu movimento pessoal (seus sentidos) e o conjunto de significações e condições objetivas e sociais no qual está inserido (Bock, 2008, p. 38).

Tendo em vista as variáveis que influenciam as escolhas do sujeito, a orientação profissional tem conquistado maior espaço enquanto uma ferramenta de intervenção que possibilita a redução de fatores que dificultam as decisões a serem tomadas. Desse modo, o orientador se propõe a auxiliar o sujeito no processo de escolha, para que este, frente às diversas questões que permeiam o processo no qual ele se encontra, realize as decisões mais apropriadas (Ferretti, 1997, citado por Nepomuceno & Witter, 2010). Ademais, Nepomuceno e Witter (2010) ainda destacaram que a partir do momento em que o sujeito tem

conhecimento e dimensão dos fatores que exercem influência sobre suas decisões, ele se torna capaz de ter o controle sobre as mesmas.

Nessa perspectiva, Soares (1991) defendeu a orientação profissional como um trabalho que leva o sujeito a “tomar contato consigo mesmo, conhecer-se um pouco melhor, saber descobrir quais valores, interesses, motivações e potencialidades podem ser desenvolvidos no trabalho escolhido” (Soares, 1988, p. 30). O orientador profissional é responsável por promover ao adolescente um espaço de reflexão e auxiliá-lo a pensar e questionar sobre as possibilidades do mundo do trabalho, contemplando toda a realidade na qual ele se encontra imerso. Desse modo, então, utiliza-se a expressão “facilitação da escolha”, que muito bem compreende a função do orientador profissional juntamente ao adolescente no momento de escolha da profissão (Soares, 2002).

Uma vez que a atuação do orientador profissional contribui com a facilitação da escolha, diante dos diversos conflitos que a permeiam, ela também, dessa forma, promove maior bem estar do sujeito. Frente a isso, o próximo tópico apresenta a importância do psicólogo enquanto profissional promotor de saúde, especialmente na sua atuação como orientador profissional.

2.3- Orientação profissional e saúde mental

As formas de atuação do profissional em Psicologia têm sido permeadas por diversas linhas de pensamentos nas últimas décadas. Bleger (1984, citado por Bock, 1995) apresentou críticas à atuação preventiva voltada para uma ideia de saúde como ausência de doença, vinculando o papel do profissional com a mesma. Ademais, destaca a importância de uma atuação focada na promoção de saúde em que os profissionais veem o sujeito em seu contexto histórico e social, valorizando seus relacionamentos e condições de vida saudáveis (Bock, 1995).

Segundo Bock (1995)

Promover saúde significa compreender e trabalhar com o indivíduo a partir de suas relações sociais; significa trabalhar estas relações construindo uma compreensão sobre elas e sua transformação necessária. Promover saúde significa trabalhar para ampliar a consciência que o indivíduo possui sobre a realidade que o cerca, instrumentando-o para agir, no sentido de transformar e resolver todas as dificuldades que essa realidade lhe apresenta (p. 12).

Em consonância a esse pensamento, torna-se possível afirmar que a orientação profissional com adolescentes, a partir de uma perspectiva histórico-cultural, corresponde a uma prática promotora de saúde. O trabalho do orientador profissional, voltado para o processo de escolha por uma área de atuação profissional, está fortemente embasado pela necessidade da compreensão do sujeito em seu contexto e das relações que ele estabelece com seus pares.

Além disso, a atuação do orientador profissional, também se mostra voltada para a ampliação da consciência do sujeito quanto a sua realidade. Dentre as diversas questões trabalhadas nesse processo, destacam-se: mercado de trabalho, interesses pessoais, possibilidades de acesso que deseja, o adolescente começa a ter maior dimensão de tais determinantes e, desse modo, se torna capaz de lidar com eles.

Nesse sentido, afirma-se que a conscientização dos determinantes da escolha corresponde a um dos aspectos que fundamentam o trabalho de orientação profissional. Somadas a ela estão a necessidade da busca pelo autoconhecimento e a importância de se informar acerca das profissões pelas quais se tem interesse. O autoconhecimento envolve a compreensão dos interesses e valores próprios, o olhar que se tem sobre si mesmo desempenhando determinado trabalho no futuro, expectativas da família em contraste com as expectativas pessoais, entre outros. Enquanto o conhecimento das profissões leva o

adolescente a, principalmente, se aproximar do mundo do trabalho, ao investigar as possibilidades de atuação, o que são e o que se faz em determinadas profissões (Lucchiari, 1993).

Diante das contribuições teóricas expostas acerca da temática da orientação profissional, enquanto promotora de saúde mental na adolescência, apresenta-se a seguir vivências de um Estágio Profissionalizante em Psicologia.

3- O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Essa experiência relatada ocorreu inserida em um Estágio Profissionalizante Supervisionado em Psicologia. A Resolução Nº 5. do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, apresenta em seu artigo 20 que “os estágios supervisionados são conjuntos de atividades de formação, programados e diretamente supervisionados por membros do corpo docente da instituição formadora, e procuram assegurar a consolidação e a articulação das competências estabelecidas” (Ministério da Educação, 2011, p. 7).

De acordo com as diretrizes supracitadas, os Estágios Profissionalizantes Supervisionados, devem manter vínculos diretos com ênfases que estruturam os projetos pedagógicos (PPP) de cada curso. De acordo com o PPP do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde ocorreram as experiências que serão apresentadas, o estágio de Orientação Profissional corresponde à ênfase escolar. É coordenado por uma docente do Instituto de Psicologia da UFU, oferecido no Centro de Psicologia do referido Instituto da Universidade Federal de Uberlândia (CENPSI), há mais de dez anos, sendo direcionado para o público adolescente.

Este estágio é realizado por meio de oficinas expressivas, também referidas neste trabalho como encontros reflexivos, em que são propostas diversas atividades estéticas, a fim de estimular a criatividade e levar o adolescente a reflexões acerca de determinados assuntos, por meio de diferentes linguagens. São coordenadas por duplas de estagiários, estudantes que estejam cursando a partir do 8º período do Curso de Graduação em Psicologia. As experiências apresentadas neste trabalho corresponderam às perspectivas de uma estagiária, durante o primeiro semestre do ano de 2018.

A proposta da orientação profissional na CENPSI foi acolher adolescentes que estejam cursando o Ensino Médio (ou até mesmo o 9º do Ensino Fundamental) e/ou cursinhos

preparatórios para processos seletivos que possibilitem o ingresso no ensino superior ou em cursos técnicos. Desse modo, para que a oferta desse serviço alcançasse tal público, as redes sociais foram utilizadas como estratégia principal de divulgação. Movimentaram-se páginas no *Facebook* e *Instagram* divulgando o trabalho de Orientação Profissional, intitulado “E agora, José?”. A divulgação presencial também foi um recurso utilizado pelos estagiários. Criaram-se cartazes e panfletos que foram levados a escolas da rede pública e privada da cidade.

Os adolescentes interessados em participar do serviço realizaram suas inscrições pelo e-mail divulgado e, em seguida, foram contatados pelos estagiários. Foram convidados para uma entrevista inicial no CENPSI em que era possível conhecer o adolescente, primeiramente, e apresentar o funcionamento dos atendimentos de orientação profissional a ele, avaliando seu interesse. Nesse momento, falas como “estou em conflito”, “não sei qual curso escolher”, “preciso me decidir logo” tornaram-se muito comuns.

Após a realização das entrevistas, os grupos foram formados com os adolescentes que manifestaram interesse pela proposta. As oficinas aconteceram em doze encontros, sendo um por semana, com duração de aproximadamente 1h30min, abordando temáticas como: autoconhecimento, escolhas, informações sobre cursos de graduação e técnicos, mundo do trabalho e processos seletivos, relacionadas às questões que o grupo demandava.

O grupo que será apresentado no relato contou com a participação de quatro adolescentes, os quais manifestaram interesse pela proposta do projeto e tiveram disponibilidade compatível ao horário do mesmo.

3.1- Conhecendo o grupo e criando vínculos

No início das oficinas, como estratégia de integração do grupo e a fim de introduzir ao que seriam os encontros de orientação profissional, buscamos compreender qual a visão dos

adolescentes acerca de um bom profissional e quais as qualidades que ele deve ter. Desse modo, utilizamos do recurso de convidar os adolescentes para criarem cenas que representassem este bom profissional, segundo suas ideias. Fez-se interessante o movimento dos adolescentes, que ao final do encontro, momento em que foi realizado o *feedback*, demonstraram o quanto se sentiram acolhidos. Destaca-se que, a seguir, serão utilizados nomes fictícios para que a identidade dos participantes seja preservada.

Teresa destacou que se sentiu confortável naquele ambiente, com aquelas pessoas. Já Elena ressaltou o sentimento de ser compreendida, uma vez que estava acostumada com a pressão típica do Ensino Médio, com relação à definição de um curso.

Nos encontros seguintes foram desenvolvidas atividades direcionadas para o autoconhecimento dos adolescentes e o reconhecimento da necessidade de se manter atento às informações relacionadas ao mundo universitário e das profissões. Utilizou-se a batata-quente como recurso convidativo para que os adolescentes se envolvessem com a proposta respondendo perguntas simples de ordem pessoal como “Qual lugar você tem vontade de conhecer?” ou “Qual o seu maior sonho?”. Esta técnica, utilizada na segunda oficina, foi de grande importância para que o grupo voltasse o olhar para si, seus valores, gostos e opiniões.

No mesmo encontro, foi apresentado um conjunto de afirmativas elaboradas por Bock, Pimenta e Marques (1985), publicado no Guia do Estudante, com a proposta de promover ao grupo reflexões sobre assuntos referentes aos critérios de escolha. Alguns pontos foram discutidos com maior intensidade como a interferência dos pais na escolha profissional dos filhos.

Elena, uma das integrantes do grupo, afirmou de forma convicta que os pais têm o papel de orientar, queiram os filhos ou não e que isso de certa forma é interferir. Tal fala provocou alguns comentários de outros adolescentes. Catarina contou que sua mãe interfere

totalmente em suas escolhas. Já Estêvão disse que seus pais não dão “palpite” algum sobre qual escolha ele deve fazer e isso notavelmente o afeta bastante.

Soares (2002) afirmou que a opinião dos pais no processo de escolha por uma futura área de atuação profissional é muito valiosa para o adolescente, visto que são pessoas que lhe transmitem confiança desde o momento da infância. No entanto, na intencionalidade de ajudar, em muitas vezes, os familiares podem contribuir para que o adolescente fique mais confuso e indeciso, principalmente se os seus desejos se diferem daqueles que seus pais projetam nele.

Percebeu-se que tanto a influência exacerbada da família, bem como a ausência total da mesma nesse processo, provoca conflitos e angústias nos adolescentes que demonstram necessitar dessa acolhida familiar de maneira ponderada. Logo, as intervenções realizadas nos encontros de orientação profissional consistiram também, de acordo com as possibilidades existentes, em um meio de fortalecimento para os adolescentes diante das interferências familiares. Por meio das discussões que o grupo oferecia, buscou-se auxiliá-los na construção de argumentos para lidarem com seus familiares, a fim de promover um diálogo no qual fossem capazes de escutar e se fazerem escutados.

3.2 Aproximando os adolescentes do mundo universitário

Por meio das oficinas, objetivou-se também promover maior aproximação entre os adolescentes e o mundo universitário, uma vez que para o grupo, este se mostrava como algo distante. A proposta de um dos encontros foi conhecer o campus universitário (no qual a CENPSI é localizado), a fim de apresentar seu espaço físico ao grupo, bem como o cotidiano dos universitários. Elena contou que nunca havia pensado em ir até o campus de uma universidade para conhecer os diversos espaços, pois ela se sentia muito estranha para o local e percebia que os outros a olhavam como tal. Logo, esse recurso foi bastante potente para o

grupo, pois tornou-se possível romper com diversas idealizações criadas, como a de jovens que estão o tempo todo na biblioteca estudando, quando na verdade também podem utilizar outros espaços ofertados como centros de convivência, festas, academia e quadra de esportes.

Ao final do passeio no campus, Elena usou a palavra “paz” para definir o que esse encontro significou para ela. Contou ao grupo que o sentimento partia da possibilidade de conhecer uma realidade que antes parecia tão distante e até assustadora, mas que por meio do passeio concluiu que não era exatamente da forma que pensava. Além disso, também pode conhecer espaços que promoviam esse sentimento de paz e se encontravam disponíveis para os estudantes.

No sexto encontro, ao ser proposta uma atividade de colagem sobre o que havia sido apreendido até então, destacou-se nas falas e no resultado das colagens dos adolescentes o valor que aquele lugar tinha para eles. Elena afirmou que após o início dos encontros de orientação profissional ela sentia que o momento de escolhas, que estava vivendo, tinha se tornado mais leve e ainda acrescentou que naquele lugar ela se sentia respeitada. Teresa também ressaltou que os encontros tinham uma energia muito boa, confortável e aconchegante para ela.

Soares (1988) destaca que o trabalho de orientação profissional realizado em grupos permite que os adolescentes compartilhem experiências e ideias com colegas que estão vivendo o mesmo processo. Desse modo, possibilita-se o aprendizado e auxílio de uns para com os outros, o que promove um ambiente de respeito e compreensão. Ademais, tendo em vista que a orientação profissional auxilia o adolescente a ter maior conhecimento sobre si mesmo e sobre as profissões, logo se torna possível realizar uma escolha mais segura.

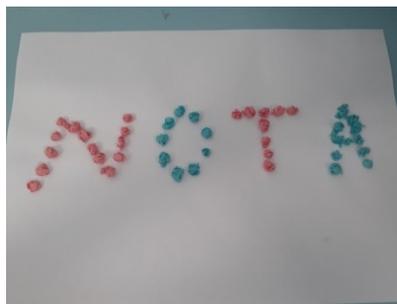
3.3 Trabalhando com os sentimentos frente aos processos seletivos

Nas oficinas seguintes trabalhamos com maior aprofundamento as informações sobre processos seletivos, cursos, universidades e mundo do trabalho. Notou-se o quanto conversar sobre vestibulares e ENEM era um fator desencadeador de angústia e estresse para os adolescentes. Nesse sentido, em um encontro utilizou-se de colagens e cenas como técnicas para levar os adolescentes a expressarem suas angústias frente a esse assunto. A partir das discussões feitas com relação às produções também foram propostas como atividade cenas em que os participantes se colocavam diante do vestibular/ENEM, para que alguns sentimentos fossem trabalhados de forma mais aprofundada.

A seguir, duas das produções realizadas:



Produção da Elena



Produção da Teresa

Ao apresentar sua produção, Elena contou que fez uma releitura da obra “O grito” Edvard Munch, “Skrik”, 1893, pois para ela o vestibular desperta em si o sentimento de desespero. Por meio da cena realizada com a adolescente e da conversa com o grupo, Elena expôs o quanto se sente pressionada frente aos processos seletivos, destacando que tal pressão parte de si mesma. Já Teresa enfatizou em sua produção as preocupações frente à nota necessária para ser aprovada no curso que deseja.

A partir dos sentimentos expressados por cada um dos integrantes do grupo foi possível conversar sobre algumas questões muito pertinentes para esse momento que tanto tem gerado tensão entre os adolescentes. Sobre o sentimento de desespero e pressão apresentado por Elena e compartilhado por Teresa, Estêvão expõe sua opinião de que quando

“a pessoa se prepara, tem se dedicado aos estudos, não tem motivos para se desesperar”. Desse modo, fez-se importante falar sobre a autoconfiança: a necessidade de se trabalhá-la, buscando pensar sempre que se é capaz de realizar bem uma prova desde que tenha preparado para isso. Logo, Estêvão destacou o quanto que para ele o planejamento é fundamental na vida de um estudante, promovendo melhor preparação e maior segurança.

Dando continuidade à conversa sobre os sentimentos que surgem diante dos processos seletivos, a intervenção dos estagiários se fez importante a fim de promover maior fortalecimento ao grupo frente a essas questões. Foi proposto aos adolescentes que fizessem a experiência de considerar o processo seletivo como um aliado para ingressar no Ensino Superior e não como um vilão; a mudança de olhar poderia levar a uma nova forma de lidar com ele. Foi ressaltada por Estêvão a importância do planejamento para alcançar a aprovação nos processos seletivos e, assim, ingressar no Ensino Superior. Discutiu-se que se não houver aprovação há ainda outras diversas possibilidades como tentar outros processos seletivos, até mesmo em outras instituições de Ensino Superior.

Ao final desse encontro, Elena e Teresa destacaram que “olhar de outra forma” e “olhar com outros olhos” foi o aprendizado que mais havia lhes tocado naquele dia.

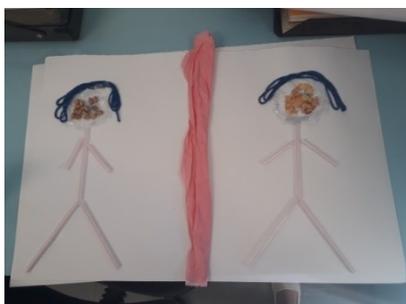
3.4- Espaço de paz e leveza: um olhar dos adolescentes

Os dois encontros seguintes contaram com a participação de graduandos e profissionais atuantes nas áreas que os adolescentes manifestaram interesse em ter maior conhecimento. Tornou-se evidente o quanto esses encontros foram significativos para o grupo, palavra esta usada por uma das integrantes como *feedback*. Oportunidades de estar diante de profissionais e estudantes de graduação, dispostos a esclarecerem dúvidas e contribuírem com a desconstrução e construção de ideias, são raras em outros espaços, segundo os adolescentes.

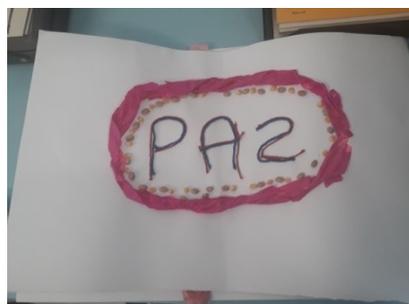
É claro o quanto a fala de pessoas que estão imersas nas diferentes áreas de atuação se torna uma importante ferramenta no processo de escolha profissional. Ela promove aos adolescentes maior consciência quanto à realidade do mundo universitário e das profissões, que até então para eles se mostrava tão distante.

No encontro final, propôs-se ao grupo que cada integrante produzisse uma colagem artística com diversos materiais disponíveis (barbantes, papéis de seda, grãos, etc.), a fim de contar sobre o processo vivenciado nos encontros de orientação profissional.

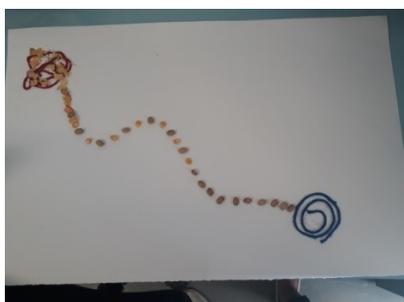
Seguem-se as produções do grupo:



Produção a Teresa



Produção da Elena



Produção do Estêvão

Ao contar sobre o que havia produzido, Estêvão afirmou que representou a maneira que se sentia ao final do processo dos encontros de orientação profissional. “No começo dos atendimentos em grupo me sentia bastante confuso sobre a escolha profissional e agora me sinto muito mais seguro e autoconfiante para tomar uma decisão e encará-la”, relatou Estêvão. Por esse motivo, ele contou que construiu um caminho em que seu início parecia uma confusão e, no entanto, ao final a confusão desaparece.

Elena apresentou sua produção, a qual era composta pela palavra “paz”. Segundo ela, durante todos os encontros o sentimento que prevaleceu em si foi o de paz. No espaço em que os encontros aconteceram ela não sentia a pressão que tomava conta de si antes de iniciarem os atendimentos. Logo, no último encontro ela disse que se sentia aliviada ao pensar que não é preciso decidir a própria vida aos 17 anos, além de reconhecer que escolhas são necessárias, mas os erros podem acontecer e diante disso é possível recomeçar.

Por fim, Teresa contou que buscou expressar o quanto que, no início dos encontros, a sua cabeça estava pesada, devido à pressão que sentia diante da necessidade de escolher sua futura profissão, aliada às inseguranças e medos que experimentava. “As experiências que os encontros me permitiram ter, me fazem sair com a cabeça leve, mais segura e confiante para fazer a minha escolha”, disse Teresa.

Foi possível perceber o quanto estar nos encontros de orientação profissional tornou-se valioso para os adolescentes: muitos foram os aprendizados, as trocas, as relações construídas consigo mesmo e com os outros. Além disso, foi ressaltado o sentimento de bem-estar promovido por essas experiências, que tanto se mostrava inalcançável em um momento da vida repleto de cobranças e pressões.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a orientação profissional enquanto área de atuação promotora de saúde mental na adolescência, a partir de um relato de experiência em um estágio profissionalizante. Pensar em possíveis ações frente à relação estabelecida entre o adolescente e o processo de escolha por uma área de atuação profissional tem se tornado cada vez mais necessário à Psicologia. Diante de um momento marcado por diversas mudanças, pressões e inseguranças, em que se faz um grande desafio tomar decisões significativas, conta-se também com uma realidade marcada pelo crescente número de possibilidades de áreas para se atuar. Esse conjunto de fatores provoca uma série de conflitos e angústias na maioria dos adolescentes que tanto querem decidir o que fazer após o ensino médio.

Nesse sentido, por meio deste relato de experiência compreende-se que a orientação profissional tem se destacado como uma ferramenta de grande importância frente às necessidades dos adolescentes que vivenciam o processo de escolha profissional. Desse modo, sendo uma área de atuação da Psicologia, a orientação profissional se faz, portanto, uma prática promotora de saúde mental, tendo em vista sua contribuição com a conscientização do sujeito quanto a sua realidade, fortalecendo-o para com ela lidar da maneira mais saudável.

A partir das experiências relatadas, considera-se a potência da orientação profissional enquanto promotora de saúde mental na adolescência. As oficinas expressivas permitiram que os adolescentes manifestassem de diversas maneiras o quanto se fazia agradável estar naquele ambiente, que para eles oferecia conforto e bem-estar. Para além de um espaço acolhedor, os encontros reflexivos se tornaram um lugar no qual se fez possível discutir questões que tanto são difíceis em outros espaços e momentos e que se fazem necessárias no processo que os adolescentes têm vivenciado.

Estar em grupo foi altamente rico, uma vez que promoveu trocas importantes entre os adolescentes que tanto compartilhavam sentimentos, ideias e opiniões acerca do processo de escolha. Além disso, nota-se também que ao trabalho de orientação profissional cabe promover ao adolescente uma escolha mais segura quanto a sua atuação profissional futura. Diante disso, conforme apresentado neste trabalho, muitas foram as ações propostas que visaram levar os adolescentes a obterem maior autoconhecimento e reconhecerem a importância de se informar acerca do mundo das profissões. Esses dois aspectos fazem-se cruciais para que seja realizada uma escolha mais segura e coerente.

5- REFERÊNCIAS

- Almeida, M. E. G. G. & Pinho, L. V. de. (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 173-184.
- Anjos, R. E. (2011). A educação escolar de adolescentes e a formação da individualidade para si: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Revista Científica do Unisaesiano*, (4), 277-291. Recuperado de <http://www.salesianolins.br/universitaria/artigos/no4/artigo1.pdf>
- Becker, D. (1985). *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense.
- Bock, A. M. B. (1995). *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bock, S. D. (2008). *A escolha profissional de sujeitos de baixa renda recém egressos do ensino médio* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251787/1/Bock_SilvioDuarte_D.pdf
- Bock, S. D. (2013). *Orientação profissional: A abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- Bock, S. D., Pimenta, S. G., & Marques, W. (1985). *Guia do Estudante*. Rio de Janeiro: Ed. Abril.
- Bohoslavsky, R. (1977). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gonzaga, L. R. V., Macedo, A. G., & Lipp, M. E. N. (2014). Avaliação das variáveis escolha profissional e vocação no nível de *stress* de alunos do ensino médio. Em Vichi, C.,

- Huziwara, E., Sadi, H., & Postalli, L. (Orgs.). *Comportamento em foco* (pp. 189-202). São Paulo: ABPMC.
- Lucchiari, D. H. P. S. (1993). *Pensando e vivendo a orientação profissional*. São Paulo: Summus.
- Ministério da Educação (2011). Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia*. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&category_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192
- Ministério da Saúde (2010). Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação de saúde*. Recuperado de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000300011
- Nascimento, A. M. T. do, & Menezes, J. de A. (2013). *Intimidação na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar*. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), 142-151. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822013000100016&script=sci_abstract&tlng=pt

- Nepomuceno, R. F., & Witter, G. P. (2010). Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 15-22. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100002
- Ribeiro, K. C. R., & Abeche, R. P. C. (2013). A repercussão da sociedade de consumo nos vínculos afetivos dos adolescentes. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 13(1-2), 81-112. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v13n1-2/04.pdf>
- Ribeiro, M. A., Uvaldo, M. da C. C., Fonçatti, G., Audi, D. B., Agostinho, M. L., & Malki, Y. (2016) Ser adolescente no século XXI. Em Levenfus, R. S. (Org.). *Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos* (pp. 13-23). Porto Alegre: Artmed.
- Senna, S. R. C. M., & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, (28)1, 101-108. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/13.pdf>
- Shoen-Ferreiraa, T. H. & Aznar-Farias, M. (2010) Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722010000200004&script=sci_abstract&tlng=pt
- Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- Soares, D. H. P. (1988). *O que é escolha profissional*. São Paulo: Brasiliense.
- Tardeli, D. D'A. (2008). Orientação Profissional: o difícil momento da escolha. *Revista Múltiplas Leituras*, 1(2), 124-136.

Tessaro, D., & Schmidt, B. (2017). Escolha profissional: teoria e intervenções sistêmicas voltadas ao adolescente e à família. *Pensando famílias*, (21)1, 92-104. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2017000100008